

Colóquio em homenagem a Manoel Tosta Berlinck

Sábado, das 9 as 12:30h, dia 27 de maio de 2017.

Sérgio de Gouvêa Franco

Quero começar com uma pergunta: por que mesmo estamos fazendo uma homenagem a Manoel Tosta Berlinck? Há razões pessoais. Mas há razões mais importantes. Precisamos pensar... Manoel era um intelectual importante. Talvez estejamos fazendo este encontro, porque quando o pensamento estagnou e ficou sem ter para onde ir, podemos olhar para sua vida e para sua obra em busca de inspiração. Trabalhou com rigor científico. Não muitos colocaram a psicanálise na pauta do dia assim, mostrando, com reflexão, as conexões com a psiquiatria, com a filosofia, com as ciências sociais, com a literatura. Em um tempo em que se esvazia o lugar da autoridade em toda parte, creio que se pode dizer que ele ocupava o lugar.

É algo emocionante participar desta homenagem, foram 25 anos de convivência, tempo em que Manoel se tornou referência: reconhecia, estimulava, corrigia. Emocionante também porque pertencço a grupo que leva adiante os trabalhos da psicopatologia fundamental no Brasil, trabalho que ele começou, colocando em rede profissionais de todo o país e de várias partes da América Latina e Europa.

Escrevi na chamada deste evento: “ele caiu, mas até o último minuto estava em pé, trabalhando”. Manoel era um lutador, um guerreiro do campo das ideias e do campo das instituições. O seu ofício era criar intelectuais. Odiava a repetição de ideias, odiava o dogmatismo. Ensinou muito alunos a pensar na primeira pessoa, sem medo de errar. Particpei de vários eventos que ele organizou. Lembro-me bem de quando ele trouxe Christopher Bollas ao Brasil. Lá estava Manoel sentado à frente de uma enorme plateia, antes de Bollas falar. Vestido de terno, gravata borboleta, como usual. Trouxe também a Radmila, a Piera, a Roudinesco, Fedida trouxe várias vezes. Na Editora Escuta, traduziu André Green, Serge Leclaire, e mais recentemente German Berrios, para citar apenas alguns.

É difícil avaliar o impacto destes livros traduzidos e da presença destes nomes no nosso país. Desta forma trabalhou para não deixar no isolamento o pensamento psicanalítico brasileiro. Era generoso, ajudava os outros a publicar, mesmo em lugares pouco prováveis como uma Revista de psicanálise no Irã. Dentre os seus próprios livros, valorizava *Psicopatologia Fundamental* publicado no ano 2000. Deste modo, Manoel acreditava estar retomando a

vitalidade da ação e do pensamento de Freud. Era apaixonado por Freud, embora lesse todos, tudo, psicanálise, filosofia, sociologia, política, leu Aristóteles e São Tomas de Aquino.

Dos vários elementos que poderia ainda destacar, resolvi pinçar um, um tanto arbitrariamente, deixando que o quadro se complete com a fala dos colegas. Queria mencionar o fato de que Manoel mudou de profissão. Quando eu o conheci na Unicamp, ele era professor de sociologia. Impossível entendê-lo sem se dar conta de que era sociólogo. Nunca abandonou a vocação de entender a realidade brasileira. Fez doutorado em ciências sociais na prestigiosa Cornell nos EUA – disto se orgulhava discretamente. Sua formação em uma ciência social dura foi decisiva para o modo como ele entedia o ser humano, a psicanálise e o estatuto da ciência.

Não sei bem o que aconteceu. Apenas desconfio. Manoel mudou de profissão, virou psicanalista. Quando veio para PUC-SP, já veio professor de psicanálise. Uma vez eu estava na Livraria Pulsional, comprando livros, e ele circulava pela Livraria conversando com as pessoas. Foi a única vez que eu o presencie falando sobre o assunto. Ele disse para alguém em voz baixa: só se muda de profissão mediante uma crise. Como eu mesmo mudei de profissão, creio que posso intuir o trabalho no divã que o fizeram mudar. Eu sabia que ele tinha passado pelas ciências duras e ele sabia que eu também tinha. Tínhamos esta cumplicidade. Tínhamos sido formados nas ciências duras, antes de nos tornarmos psicanalistas. Ele mudou de profissão, penso, em um gesto difícil e criativo. Manoel não era apenas um homem de ideias, apenas da sala de aula ou do consultório, era um homem da ação. Mudou para poder avançar. Mudou para construir um novo espaço para sua vida. Como ele sabia o que era sair para um espaço mais aberto, ele estimulava os outros à liberdade.

Manoel se foi em junho do ano passado. A homenagem hoje é justa porque nos convoca a pensar e avançar. Transe, fatos, eventos, festa, mudança que cada um fará para estar à altura do seu tempo, como Manoel esteve à altura do seu.

Obrigado a todos. Obrigado CEP.